

RESUMO

O artigo caminha entre a criação de Jatahy com os atores sociais e o desenvolvimento sensível estético de dialogar memórias e vivências entre presente, passado e futuro de forma poética, sensível, instigadora e imersiva, em que traz no público aquela intimidade confidencial sobre o que assistiu.

CONTRIBUIÇÕES DO LIVRO PARA A PESQUISA

Trouxe muitos insights e ideias para utilizarmos na construção do roteiro da peça, muito interessante como Jatahy desenvolveu e concebeu “Nova Odisseia”, seria fantástico assistir e adentrar nesses mundos reais ficcionais.

PESQUISA AMPLIADA (pesquisar)

Gina Pane

Peggy Phelan

Rebeca Schneider

Diana Tylor

CITAÇÃO	COMENTÁRIO
A artista é reconhecida pela criação de um teatro performativo, híbrido e político, que transita entre zonas artísticas, culturais e geográficas de fronteira. Trabalhando na confluência entre teatro e cinema, a companhia combina tecnologias de imagem a testemunhos, justapostos com base em assemblages e repetições. (Silva Fernandes, 2021, p. 3)	sobre a Christiane Jatahy e a sua linha de trabalho
Os arquivos coloniais são um bom exemplo do uso de documentos como armas do Império para desvalorizar o conhecimento local dos povos colonizados, em geral reconhecidos por práticas performativas como a oralidade, a recitação ao vivo, o gesto repetido e o ritual. (Silvia Fernandes, 2021, p. 6)	o movimento de registros e apropriar do que é nosso, do nosso local de fala
Diana Taylor é outra analista da performance cultural que defende pressuposto semelhante ao ressaltar que as culturas europeias privilegiam a literatura em detrimento da oralidade ou, de acordo com sua terminologia, o arquivo em prejuízo do repertório. Segundo a autora, a performance é um modo de preservar a memória por meio de atos corporais de repetição que chama de repertório e distingue do arquivo, composto de documentos escritos que desconsideram as práticas envolvidas na transmissão corporal mnemônica. (Silvia Fernandes, 2021, p. 7)	as nossas pesquisas dos relatos orais...

<p>o espectador pode fazer a travessia de diversos momentos históricos que conectam passado, presente e futuro sem respeitar uma sequência temporal linear. (Silvia Fernandes, 2021, p. 8)</p>	<p>assim como as personagens fundidas em 4 gerações e viajando pelo passado, presente, futuro...</p>
<p>criar uma dramaturgia em que as dimensões documental e ficcional (Silvia Fernandes, 2021, p. 9)</p>	<p>além da autoficção, como de fato conceituar e nomear o nosso teatro?</p>
<p>Nesses trabalhos, Jatahy investiga a fronteira entre os campos do teatro e das tecnologias de imagem, importante em futuras criações como Julia, livremente concebida a partir de Senhoria Júlia, de Strindberg, em que desenvolve uma proposta de filmagem ao vivo. (Silvia Fernandes, 2021, p. 9)</p>	<p>aprofundar sobre essas técnicas de projeções</p>
<p>instalação-performance inspirada em Macbeth de Shakespeare, ambientada em um galpão com quatro telas suspensas em que são projetados testemunhos de repressão, violência, preconceito racial e assassinatos perpetrados por contingentes de uma suposta “polícia pacificadora” atuante nas favelas cariocas. (Silvia Fernandes, 2021, p. 9)</p>	<p>a peça poderia ser em formato de instalação? como seria?</p>
<p>hibridização entre teatro e cinema e a ênfase na performatividade, mas a encenadora intensifica o uso de testemunhos, optando pela narrativa oral como meio de resgate da memória coletiva. (Silvia Fernandes, 2021, p. 10)</p>	<p>importante nesse processo de autoficção e resgate das nossas histórias... as que fomos para hoje sermos</p>
<p>Os fluxos narrativos compostos por passagens da Odisseia e depoimentos dos refugiados circulam performativamente e convivem com imagens captadas por câmeras operadas ao vivo pelos atores, projetadas pontualmente na tela/cortina. (Silvia Fernandes, 2021, p. 11 e 12)</p>	<p>colocaríamos pedaços de áudios das avós?</p>
<p>É possível perceber que a intrincada assemblage cênica é movimentada pela repetição constante de gestos, falas, imagens, movimentos e reconfigurações. À medida que o espetáculo avança, os atos de retorno e reelaboração são cada vez mais intensificados. E culminam na passagem em que o público é convidado a migrar para a plateia do outro lado da cortina, onde as cenas recomeçam para outro grupo de espectadores, numa espécie de re-performance dos episódios anteriores. (Silvia Fernandes, 2021, p. 12)</p>	<p>essa dinâmica de transição seria muito bacana. O agora imediato, não se repete (Schneider contesta).</p>
<p>O espetáculo termina com a abertura da cortina que separava os dois lados da cena (Silvia Fernandes, 2021, p. 12)</p>	<p>terminaríamos a peça assim, com as duas se encontrando no ao vivo real?</p>
<p>O dispositivo central do espetáculo é uma enorme tela de cinema instalada em toda a extensão do palco, com mesas de controle na lateral onde a encenadora faz a edição ao vivo de um documentário com refugiados que filmou em cinco países. Ela edita, corta as cenas e muda a dinâmica das sequências na presença do público, transferindo o</p>	<p>um teatro documental, performático, híbrido, crítico e político.</p>

dispositivo de repetição para o cinema, já que o filme é refeito a cada apresentação. (Silvia Fernandes, 2021, p. 13)	
O espetáculo oscila dos trechos filmados à performance dos refugiados que participam da apresentação ao vivo, na plateia, sentados entre os espectadores. (Silvia Fernandes, 2021, p. 14)	atores sociais? bem interessante
Desestabilizado, o espectador não tem certeza se está no agora do presente performativo ou no passado do campo de refugiados, ou em ambos, diante de uma testemunha que sai do filme para questioná-lo. (Silvia Fernandes, 2021, p. 15)	trazer essa imersão pros espectadores, adentrando um espaço de memórias, memórias que vão se passando de geração para geração